

O SEXO NO ESPELHO

Richard Abibon

Uma comparação entre meus netos e o filme “Skizhein” ([HTTP://vimeo.com/6913172](http://vimeo.com/6913172)) me inspirou a voltar sobre a problemática do espelho em psicanálise.

Tive uma filha, e agora, tenho dois netos. O contraste é impressionante. Meus netos têm, o mais velho 5 e o outro 3 anos e pouco, e estão sistematicamente na oposição. Dizem não a tudo. Experimentei isso de modo particular recentemente, quando tive que ficar com o mais velho, Joaquim, durante dois dias. Só um exemplo: levei-o para brincar na cidade das crianças, no meio da cidade das ciências, em Villette. Sim, claro, para brincar vai tudo bem, pois estou lá prestando atenção nele, à sua disposição para ajudá-lo se necessário, maravilhado quando ele consegue realizar algum exercício difícil. Mas quando chega a hora de ir embora, é não. É compreensível, ele estava se divertindo tanto!. No entanto, é assim, vamos lá, e sua insistência é tanta para “não” ir, que lhe prometo de voltar à tarde. Afinal, por que não, não tínhamos tido tempo de esgotar todas as possibilidades desse parque incrível. Para sair, é preciso vestir o casaco: não, ele não quer. Eu obrigado. Esperando que possamos voltar aos jogos, proponho que vamos comer, pois já é meio-dia. Não. Durante toda a refeição (que ele não come nada, embora tenha escolhido ele mesmo a comida que está no seu prato), ele não para de me buzinar com seu “quero voltar para os brinquedos”. Enfim, quando chega a hora de voltar, espero uma explosão de alegria. Que nada: não, não quero mais ir!” Vamos lá, mesmo assim, e com certeza, lá nos brinquedos ele não diz mais “não”.

No entanto esse sistematismo me questiona, pois não tenho lembrança de nada parecido quando minha filha era pequena. Será uma falha da minha memória, embelezando o passado? Mas a mãe dela confirma: nossa filha não era assim. E então? Certamente, os pais também não são os mesmos, as circunstâncias também não são as mesmas, principalmente pelo fato de que são duas crianças compartilhando uma única mãe, o que os mergulha nas histórias de ciúmes mortíferos. Isso tudo é bem conhecido. Mas uma coisa bem conhecida e me vem à memória nessa ocasião, é que se diz muito que os meninos são sempre muito mais turbulentos e teimosos do que as meninas.

É preciso entender isso com toda a prudência requerida por cada caso, que é sempre eminentemente particular. No entanto, minha experiência de

analista e analisante não para de me mostrar a importância fundamental do sexo na vida das pessoas. Castração e desejo de falo não param de apavorar os sonhos de todos. É verdade em relação à infância e à maneira que tiver sido vivido e memorizada pela primeira vez a percepção da diferença entre os sexos. Será que existe uma relação entre o negativismo dos meus netos, embora eu não esteja seguro de que isso seja universal entre os meninos?

O filme curta-metragem “Skizhein” nos conta a história de um cara que se encontra além do seu fôlego (deslocado). Depois de uma queda de um meteorito, ele se encontra exatamente a 91 cm dele mesmo, o que lhe traz alguns problemas na vida cotidiana. Para atender seu telefone, por exemplo, ele deve fazer o gesto no vazio a 91 cm à direita onde ele vê o objeto, e ele se deita no vazio a 91 cm do divã de seu analista. Sim, a 91 cm, mas em qual dimensão? O filme não aborda essa questão. Pode-se vê-lo em um momento girando o trinco de uma porta estando a 91 cm longe dela. Ele estará então a 91cm *atrás* dele. Por outro lado, vimos ele se deitar *à esquerda* do divã de seu psicanalista, e em outro momento, ele dirige seu carro do lado de fora dele, ou seja, *à esquerda* do lugar do motorista. E além disso, a partir de qual referencial se pode ir assim? Lá onde se vê, ou seja, onde ele acredita se ver, ele está à esquerda de lá onde ele estaria realmente; isso significaria, entretanto, que ele observa seu “eu ideal” invisível, à sua direita. Há, então, no filme, às vezes, uma certa coerência e outras vezes, uma certa incoerência: talvez às vezes à esquerda de si mesmo e atrás de si mesmo? Quando é que ele é “ele mesmo”?

Questão OISEUSE, vocês me dirão: é um filme! Por licença poética, se pode aceitar tudo de uma ficção. Aliás, na sequência, um segundo meteorito o desloca a 76 cm suplementares... para baixo.

Que relação isso tem com a questão do negativismo das crianças? Bem, a negação, justamente: o coitado desse homem *não está* em seu lugar. Ele experimentou um tipo de maldição, um efeito desastroso dos astros, enquanto que meu neto, por seus nãos sucessivos, se desloca em relação ao lugar onde *eu gostaria que ele estivesse*.

Ele não é “sage comme une image” (comportado como um santo), ele se recusa a ser essa imagem que eu construo para ele, em conformidade a isso que me parece serem as exigências da realidade. A realidade não está em questão para para ele. O que está em jogo é o poder de recusar o lugar assinalado pelo outro pelo qual, afirmando sua diferença ele se faz nascer como sujeito, às vezes apesar de sua existência corporal (recusas de se conformar às imposições de não atravessar a rua quando vêm carros).

Por que minha filha não usou esse poder? Ou, pelo menos, por que ela fez isso de maneira tão atenuada que isso não deixou traços na minha memória?

Acontece que a crença em um lugar assinalado pelo destino é unanemente representado em todos os povos, por algumas configurações dos astros, maneira bem prática justificar esse ou aquele desastro. É assim que a psicanálise se apresenta conforme ao neologismo de meu amigo Pierre Boismenu, como uma desastrologia. Recusar o lugar assinalado pelo outro, o pai ou adulto em geral, para todos os pequenos atos da vida cotidiana, se encontra mais tarde quando se trata talvez de recusar um destino excessivamente determinado pela ascendência. É assim que, quando não se tem consciência do problema, a gente pode se encontrar por fora, (de lado) em relação a seu fôlego (seu lugar), com um outro em seu próprio fôlego, como no caso da possessão diabólica, freqüente entre nós, e mais numerosa ainda nos países do terceiro mundo;

Além da problemática do lugar assinalado pelo outro se apresenta aquela do lugar assinalado pela cultura, a sociedade, e finalmente a linguagem, isso que se pode levar em conta e que Lacan chamava o Outro.

Através da expressão “sage comme une image” (comportado como um santo), observamos a analogia do lugar e da imagem. Retomemos a questão do espelho, porque é ela que nos faz nascer à nossa imagem de nós mesmos. Tentemos nos observar inicialmente a partir das referências dimensionais.

Como se trata de lugares assinalados pelo destino, imaginemos que olho um dado em um espelho:

.....

Situando-me atrás do dado, na situação onde você está, leitor desse desenho, constato que a imagem não está conforme eu a vejo. Sobre o objeto vejo um 5, e sua imagem me dá um 3. Certamente compreendo imediatamente que é porque, do meu ponto de vista, vejo a face de trás do cubo que para mim está na frente, enquanto que o espelho me dá um ponto de vista sobre a face anterior, o que faz face ao espelho e que não vejo, porque para mim ela está por trás. Manifestamente é então o espelho que está invertendo o anterior e o posterior, ou seja a dimensão que nós chamaremos de terceira. Por outro lado, ou seja, sobre o lado, vejo um 4 sobre o objeto, e ele está bem no mesmo lugar da imagem, ou seja, na minha direita. Como se vê, o espelho não inverteu a esquerda e a direita. Vejo também um 1 no espaço de cima: o espelho não inverteu tão pouco o alto e o baixo.

Para verificar que o espelho reflete bem a outra face do objeto, aquela que eu não vejo e que se reflete em 3, posso passar por trás do dado e olhar essa face. Observe que, nessa operação de reviramento, fiz uma inversão da minha direita e da minha esquerda em relação à minha posição inicial. Vejo então a face escondida do dado, mas não vejo mais a imagem do espelho porque dei as costas para ela. No desenho abaixo, coloquei o dado real de tal modo que eu o vejo a partir desse ponto de vista e a imagem tal como a vejo quando me reviro:

.....

Essa imagem é evidentemente a mesma que a precedente, mas meu referencial corporal não é mais o mesmo. Não estou mais lá onde eu estava: pouco importa se era a 91 cm ou não, mas estou ao lado de meu fôlego (de minhas forças) em relação a meu referencial corporal precedente. Vejo bem o 3 ao qual eu esperava, mas ele se inclina para a esquerda, enquanto que na imagem, ele se inclina para a direita. Quanto ao 4 esperado a minha direita, ele se transformou em um 2. Tudo isso porque eu conservo, de maneira essencial para meu equilíbrio, meu referencial corporal que eu ENTRAINE comigo em todos os deslocamentos. Ele está na base da minha subjetividade, sem a qual eu não teria como conceber minha objetividade. De fato, posso reconstruir uma objetividade a partir de minha memória combinando os dois pontos de vista que acabo de experimentar. Defino assim um objeto cubo-dado que coloco na realidade, mas como o reconstruí na minha cabeça. Eu me defino também como sujeito, em uma operação que não é mais subsidiária, mesmo se ela é a maior parte do tempo desconhecida: o sujeito é o ponto de vista como tal, estabelecido sobre uma base corporal, ou seja, sobre a base da imagem do corpo. Como se vê, teria sido impossível estabelecer isso que é o objeto sem essa referência ao sujeito, nem de se definir como sujeito se o objeto não me tivesse imposto uma mudança no meu ponto de vista.

É a razão pela qual sobre os barcos, a fim de evitar mal-entendidos nas manobras, substitui-se o referencial corporal por uma referência ao próprio corpo do barco quando ele avança, referindo BABORD e TRIBORD à popa e à proa. Tribordo fica do lado direito do barco enquanto eu olho da proa. Não se pode eliminar o referencial corporal, ou seja, o ponto de vista, mas ele fica objetivado pelo próprio corpo do barco.

Depois de ter definido, por essa experiência, o objeto e o sujeito, me resta precisar a função que opera as mudanças dimensionais observadas. Essa função, é o espelho, em que vimos que, no primeiro caso, ela invertia anterior e posterior, mas não direita e esquerda nem alto e baixo, enquanto que na segunda experiência, ela invertia a direita e a esquerda porque meu ponto de vista impõe um reviramento corporal. Isso me é confirmado pelo fato de que o espelho inverte lá também frente e atrás, porque eu me lembro de ter visto o atrás de meu objeto no primeiro ponto de vista. Aqui, é meu reviramento corporal que joga esse papel, me fazendo participar da função do espelho: esse último não pode então ser destacado como tendo uma função objetiva independente dos pontos de vista. A função espelho não pode ser considerada como RABATABLE (*que l'on peut rabattre, que l'on met sur*) sobre um objeto físico objetivo, o espelho, a não ser que se faça abstração do sujeito, o que é possível no primeiro caso, mas impossível no segundo, sabendo que o segundo é, entretanto, necessário para o estabelecimento do primeiro: era mesmo

necessário passar do outro lado do objeto e se revirar para verificar que o espelho não se enganava em sua reflexão.

A ciência é essa disciplina que justamente elimina o sujeito em proveito do objeto. A loucura pode ser comparada a ela e eu digo bem comparada, não assimilada. Essa loucura seria de não levar em conta que um dos pontos de vista, esquecendo que se a pessoa está aqui, é que não se está lá. Isso vale no espaço também assim como para o tempo. É no passado eu estava antes, mas na memória eu estou sempre lá porque guardo as escrituras. O objeto não pode ser construído a não ser desse movimento e a síntese que a memória dos dois lugares permitiu. Em troca, se eu esqueço que estive lá, estou permanentemente a 91 cm de mim mesmo, ou seja, eu não cesso de me considerar objetivamente, eu me observo como se eu estivesse para além do meu fôlego. Isso que faz nosso traumatizado meteorítico acrescentando sobre a atitude científica: experiências, medidas precisas, esquemas, inícios de teoria.

Os dois pontos de vista lhe tornaram possível, como eu disse, graças a um referencial corporal, ou seja, à imagem de corpo. Ainda é preciso EM DISPOSER, desse referencial. Como o objeto, é preciso construí-lo observando-se a si mesmo em um espelho. Substituindo então o dado pelo corpo:

.....

.....

Posso fazer a experiência dos dois pontos de vista precedentes:

- Objetivamente, se levanto minha mão direita, verei minha imagem levantar sua mão *à minha* direita. O espelho não inverte a direita e a esquerda, não. A direita está bem na direita, sim.

- Mas eu sei que não sou um objeto, salvo objeto do narcisismo, que não é o caso aqui. Se as coisas se passam bem, me identifico a minha imagem, ou seja, posso me reconhecer com essa mão e esse rosto, devo me revirar para entrar na imagem e fazê-la receptáculo disso que chamo minha pessoa ou ainda meu eu. Então, desse ponto de vista revirado, meu espelho inverte a direita e a esquerda, sim. A direita não é a direita, *não*.

Os dois pontos de vista no espelho se desmentem um ao outro, o que permite introduzir um *não* na imagem do corpo. Então, pode-se compreender que a criança que está ainda na construção ainda mal assegurada dessa imagem não para de jogar com esse *não*, a fim de fazer jogar o discordancial dessa articulação dos pontos de vista contraditórios. Ainda mais porque a criança se vê inicialmente como uma imagem: ela teve inicialmente a percepção de sua mãe e dos adultos em geral antes de se perceber ela mesma no espelho. Antes

dela ser ela, ela é o outro. Basta ter brincado um pouco com um bebê que não anda ainda para se dar conta: os adultos se maravilham sempre de sua capacidade imitativa, que começa pelo sorriso e diversas caretas e se segue pelo menor gesto da mão. O transitivismo observado em seguida nos berçários EN PREND LE RELAIS: uma criança cai e é a criança que testemunha a queda que vai chorar. Se um irmão ou irmã mais novos vem interromper um duo amoroso mamãe-bebê, o ciúme testemunha essa perpétua identificação. Cada um quer o objeto do outro, quer fazer a mesma atividade do outro, quer o lugar perto da mamãe. Se não, a destruição será a única resposta possível.

Pelo fato de sua correlação obrigar o referencial corporal, a função espelho não pode ser objetivada: ela se apresenta como discordancial. Mas isso vai ainda mais longe, porque se quero eliminar o ponto de vista subjetivo e ficar no objetivo, desse lado aqui do espelho, e se apoio minha mão sobre a superfície refletora, constato que os dedos se correspondem um a um, o polegar sobre o polegar, o indicador sobre o indicador, etc... como quando aplico minha mão direita sobre minha mão esquerda, palma contra palma. É forçoso constatar que a imagem da minha mão direita é uma mão esquerda. Assim, então, essa mão direita que se levanta à direita no espelho quando eu a levanto à direita na realidade objetiva se revela como sendo uma mão esquerda. A distinção dos pontos de vista globais, o objetivo e o subjetivo, se articulam então uma distinção do ponto de vista global e do ponto de vista parcial. Essa distinção introduz uma falha no ponto de vista global e, digamos claramente, um corte na imagem do corpo: uma parte do corpo, um membro, pode vir desmentir a unidade que vem de ser adquirida. Estou aqui, com minha mão direita à minha direita, mas eu estou lá, com minha mão direita se transformando em esquerda, o que supõe que me revirei para atrás do espelho. Eu sou eu, desse lado do espelho, mas minha mão parece obedecer a uma outra lei, ela está do outro lado do espelho.

Não sou um objeto à parte, sou o objeto do narcisismo, e....o objeto do amor do outro.

Ora, se a imagem me permite me reconhecer como semelhante a mim mesmo, e se a discordância de um membro me faz perceber o corte entre mim aqui, globalmente, e um pedaço de mim lá, qual é a outra parte do corpo que pode ser aqui também estando lá? Reconhecendo-se no outro e primeiramente na mãe, a criança vai bem rapidamente encontrar, por uma confrontação do acaso ou por um banho tomado juntos, uma discordância na imagem, não a

nível da mão, mas ao nível do sexo... se ele é um menino. Uma menina só encontrará confirmação de sua imagem... até que ela seja confrontada com a discordância por um encontro com o sexo masculino, mas um pai ou um irmão não é uma mãe. É na mãe que, na maior parte do tempo, a gente vai procurar refúgio, é perto dela que a gente se vira em caso de infelicidade. Mais tarde, o pai poderá substituí-la como objeto de amor, mas isso não apagará o traço desse amor primeiro.

Acho que para aceitar a hipótese da diferença sexual na relação à imagem primordial da mãe como fonte do “não” dos meninos assim como da docilidade das meninas. Nos sonhos, a frequência do corte de um membro só pode confirmar. É nos meus sonhos, nos de Freud, e nos da grande maioria dos meus analisandos. A interpretação os analisantes fazem, seja diretamente, seja graças à **SURVENUE (l’irruption, l’arrivée inopinée)** dos sonhos mais explícitos trazem em geral à cena, tanto os homens quanto nas mulheres, uma mulher munida de um falo, indicando que é bem da castração e de sua negação que se trata. Não se vê, então, na discordância dos pontos de vista entre direita e esquerda, uma metáfora da diferença sexual, sempre vivida como castração?

Dizer não, para os meninos que tem sido muito confrontados à imagem da mãe, é se assegurar de uma imagem intacta, imagem que fica desfocada pela constante vista da falta feminina. Não, ele não é como o outro, porque a relação à imagem materna se transfere sobre qualquer outro, inclusive masculino. Não, ele não está nesse lugar assinalado pelo “como a mamãe”, comportado como um santo (“sage comme une image”). Dizer sim, para a filha, é a consequência natural de um reconhecimento no semelhante que não sofre nenhuma ameaça. Certamente, ela é como a mamãe. Mais tarde, a confrontação ao sexo masculino vai modular essa docilidade primordial de uma revolta surda contra uma tal injustiça.

Entenda-se bem, tudo isso se transforma e se modela conforme as circunstâncias particulares. A complexidade do humano mistura um número considerável de fatores. Mas talvez existe uma base estrutural da diferença entre os sexos.

Complemento topológico

Colocando essa questão das dimensões, já estou fazendo topologia; digamos agora que vou tentar ser um pouco mais explícito nesse domínio. (*)

A confrontação com o espelho pode se escrever também sobre um cilindro:

..... p.6

Deslizando ao longo da superfície do cilindro, o homenzinho que sou se reencontra diante da mesma configuração que minha imagem no espelho. Convencionemos chamar de “*torção*” isso que denominamos “*função espelho*” no desenvolvimento precedente. A torção, aqui, fica sendo passagem de uma face a outra face. Entendamos bem: trata-se da outra face de um ponto de vista subjetivo (me vejo “em face” de) porque objetivamente, o homenzinho desliza sobre a face externa do cilindro, sem alcançar à face interna. A dupla torção, ou seja, o percurso do cilindro por inteiro, traz o homenzinho de volta a seu lugar: ela não inverte nada mesmo. De repente, como um espelho, considerando como objeto essa imagem de mim sobre a outra face, em face, posso também, ao levantar a mão direita, constatar que ela se levanta à minha direita sobre a outra face *e* que se trata de uma mão esquerda.

Imaginemos uma pequena experiência suplementar. E se tivermos vontade de fazer girar esse cilindro de um quarto de volta, o que aconteceria?

..... p. 7

O deslizamento de minha imagem sobre a superfície externa não provoca mais, de jeito nenhum, a mesma configuração: isso não é o espelho, porque estou de cabeça para baixo. Isso não é nem mesmo o espelho esférico, que inverteria a esquerda e a direita no ponto de vista objetivo. O que seria necessário fazer com esse cilindro para obter as mesmas condições que o espelho? Vimos, se o homenzinho atravessar as duas torções ele se encontra em seu ponto de partida sem mudanças. Entretanto, se após o percurso sobre as duas torsões, introduz-se um corte no cilindro e depois uma torção suplementar, é possível então recolar o cilindro de modo a obter a função espelho.

..... p. 8

O homenzinho se encontra então sobre a face interna, interna do ponto de vista subjetivo que é aquele da posição inicial sobre a face externa, porque trata-se sempre da mesma face. É a mesma face *e*, *não*, essa não é a mesma face. É minha imagem, então sou eu *e* não sou eu, isso só é minha imagem. Com esse

não... só é , que reconhecemos uma das fórmulas da negação discordancial da língua francesa (“ce n’est que...”) (cf. Damourette et Pichon).

Obtém-se uma fita de Moebius que, como é feita, possui três torções. Nota-se o percurso da mão levantada com seu **ABOUTISSEMENT (l’arrivée au bout, l’accomplissement)** discordancial na terceira posição: é lá onde ela faz discordância com o conjunto do corpo, em metáfora do sexo. É uma mão que se levanta depois de cada operação, para verificar sua posição. Ela representa a negação da castração: não, não sou castrado, não, não sou a imagem do outro porque o outro, em face a mim, ele tem sua mão direita à minha esquerda, enquanto que eu mantenho artificialmente na posição objetiva na qual, não, o espelho não inverte a direita e a esquerda.

O que podemos tirar mais como ensinamento dessa acrobacia? Qual é essa curiosa etapa na qual minha imagem se encontra de cabeça para baixo? Simples manobra intermediária, que poderia ser dispensada, se não se tivesse tido a desparatada idéia de girar o cilindro um quarto de volta? Talvez. Mas talvez não, se a gente sonhar no modo que sonhamos ao nascer: em relação à mãe, estamos então naquela situação da cabeça para baixo porque emergimos do furo, salvo em caso de acidente, primeiro com a cabeça.

A ameaça de castração, manifestada pela repetição do *não*, sucumbe rapidamente ao recalque e é preciso explorar os sonhos da idade adulta para reencontrá-la, como matriz de nossos atos falhos e sintomas diversos. A vontade de falo que se sucede ao período da infância comportada da filha que diz *sim*, é engolida da mesma forma, com as mesmas necessidades da exploração onírica. Essas duas representações recalçadas estão em relação com a descoberta da dissimetria na imagem entre homem e mulher. Estes são acontecimentos vividos inscritos na memória inconsciente.

Esse momento **de inversão cabeça BÊCHE (inversion de la tete aux pieds)** será inscrita também? Isso não é porque não encontro uma ocorrência teórica, alegórica, do nascimento, que vou me forçar a acreditar. Certo, a quase universalidade dos sonhos de queda podem S’Y RATTACHER. Penso, ainda mais que se trata de uma reconstrução a posteriori, quando aprendemos a maneira pela qual nascemos, que a colocamos logo em relação com os fantasmas conhecidos da percepção da diferença dos sexos. Os sonhos de queda podem então ser interpretados como castração da mãe, e é nosso corpo como falo que cai. Essa representação adquirida, saber que é recalçado por seu lado,

pode dar apoio a duas formas diferentes de **CONTRER as ASSIGNATIONS do outro (d'éléver une défense contre les injonctions, les ordres, de l'Autre)**. Esse momento do nascimento é tipicamente aquele onde uma mulher adquire entre as pernas o falo que faltava sob a forma de um corpo invertido de cabeça para baixo. Talvez essa seja a modalidade feminina de dizer não à castração, lembrando que, de fato, são as mulheres que, frequentemente, têm mais vontade de ter filhos, enquanto que a paternidade assusta frequentemente aos homens. É de onde também vem o apego muito mais importante para as mulheres às suas crianças, para quem elas se fazem objetos de amor, lugar ao qual eles desejam ardentemente se colocar, dependendo do pai, procurando também se defender, porque a posição de objeto mata o sujeito. Esse objeto de amor, elas o reconhecem facilmente na análise como uma parte delas mesmo, a famosa parte faltante da qual elas se queixam por toda a vida. Essa parte não era outra que aquela que, no espelho que lhe mostrava a mãe, faltava ser invertido. Todas essas coisas devem ser tomadas com infinita prudência, contra-exemplos não faltam também.

Três posições diante do espelho: objetivo, subjetivo, narcísico, que cada vez dão uma imagem diferente do objeto, três imagens possíveis sobre a banda de Moebius, podem se ler como as diferentes modalidades de se situar a um lugar onde se vê que ela não poderia ser simplesmente definida. Esse lugar supõe uma sutil articulação do sim e do não, dialetizados pela existência do não discordancial, **AUTANT de ocasiões (= qui sont autant d'occasions, qui à chaque fois l'occasion de)** de se sentir bem em sua própria pele ou para além do seu fôlego. Os astros não explicam todos os desastres, mas observá-los em relação às palavras dos pais, ou seja, dos ancestrais, ajuda, de algum modo a encontrar um lugar, mesmo se isso não seja nunca totalmente confortável porque nunca é totalmente "o nosso".

Temos aí, simplesmente, uma estrutura teórica que pode nos ajudar a dar conta de uma maneira bem modesta da complexidade que caracteriza cada caso particular, à escuta do qual é preciso submeter esquecendo todo prejuízo teórico.

Domingo, 24 de janeiro, 2010

Tradução: Eugênia Correia